

*atlas*  
*de* **RELACÕES**  
**INTERNACIONAIS**

N.º 40

**A ILHA BRITÂNICA**

DELGADO DE CARVALHO

1 — Aspectos geoeconômicos. 2 — Aspectos Históricos.  
3 — Regiões Econômicas. 4 — Formação Histórica. 5 —  
Evolução Econômica. 2

**COSTA DO MARFIM**

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos geoeconômicos. 2 — Aspectos Históricos. 15

**REPÚBLICA DO NIGER**

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos geoeconômicos. 2 — Aspectos Históricos. 18

---

CADERNO ESPECIAL  
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA  
ANO 38 — N.º 4

# A Ilha Britânica

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Introdução

Na parte noroeste da Europa a insularidade isolou o arquipélago britânico, causando nele a demora em receber influências históricas do continente.

Na realidade, foi o *mar* o fator decisivo na orientação histórica das sociedades anglo-normandas. A riquíssima *articulação de suas costas*, os seus *fjords*, os seus estuários profundos oferecem facilidades de desenvolvimento e *deram, à Inglaterra, sua missão oceânica*.

O mar exerceu sobre a Inglaterra intensa atração logo que o continente deixou de ser o limite de seus horizontes. Sucederam-se, então, as gerações de navegantes, de colonos e de capitalistas.

No princípio do século XV a preponderância da agricultura inglesa começou a ser substituída pelo crescente comércio com o continente. Este oferecia mercado às lãs inglesas que vinham sendo mais procuradas do que os próprios cereais, cuja produção diminuía pela falta de lavradores, vítimas da peste negra. Esta deserção dos campos tornou o arquipélago britânico tributário do mundo inteiro e, ao mesmo tempo, seu fornecedor de maior reputação. Assim, foi, aos poucos, se firmando na política mundial a supremacia britânica resultante de seu quadro geográfico. No século XIX, durante o reinado da Rainha Vitória, a Inglaterra atingia o seu apogeu.

A hegemonia européia no mundo foi, por sua vez, declinando com as guerras de nosso século e, com ela, declinava a preponderância britânica, apesar dos serviços decisivos prestados pela Inglaterra aos aliados ocidentais. Continuava, no entanto, o centro de gravitação da civilização ocidental a se deslocar lentamente para o oeste, enquanto novas sociedades surgiam para enfrentar outros problemas. Por outro lado, as grandes questões mundiais mu-

daram de aspecto no jogo das nações, enquanto a Inglaterra, esgotada pelo esforço das guerras, via os seus mais poderosos recursos econômicos comprometidos por novos concorrentes.

Mas quem são estes concorrentes da Inglaterra no pós-guerra? São povos da mesma etnia, da mesma língua, da mesma cultura e dos mesmos interesses econômicos: o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e os povos do *Commonwealth*, isto é, da Comunidade Britânica; esta, apesar das independências, persiste em cooperar em questões vitais com a antiga metrópole. Apesar do fato de ter abandonado, em 1952, o nome de *Dominions*, continua a solidariedade; na realidade é uma questão de nome e esta questão repetiu-se freqüentemente na história contemporânea do passado *Império Britânico*.

Para se assegurar das importações dos países produtores de matérias-primas e garantir sua exportação de manufaturas, a Inglaterra havia criado o *mais vasto império econômico do mundo*. Sua política atual, em consequência, tem por objetivo remediar o desequilíbrio que se produziu.

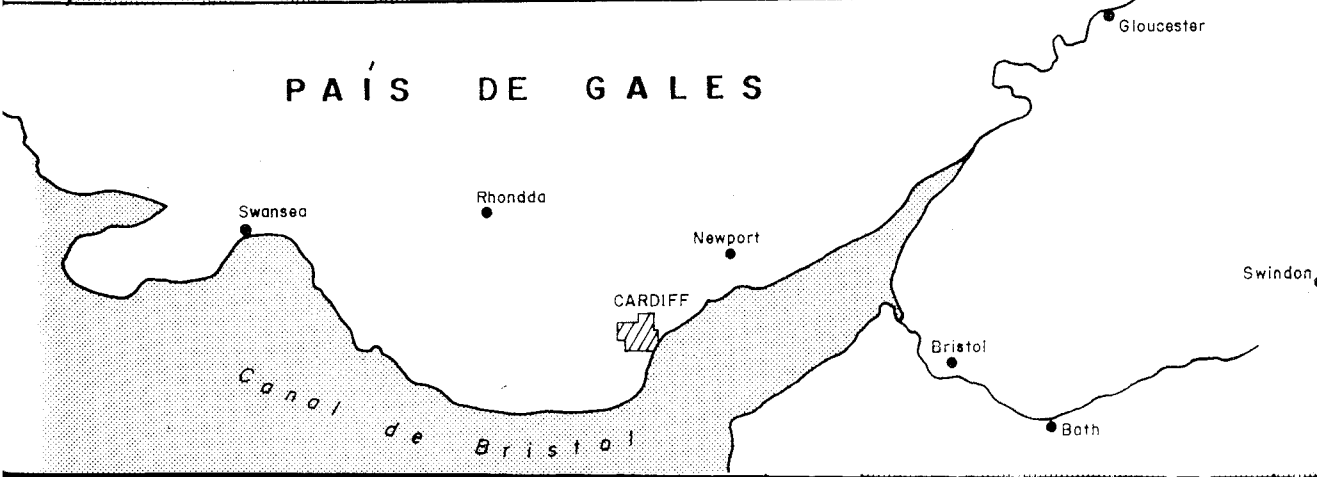
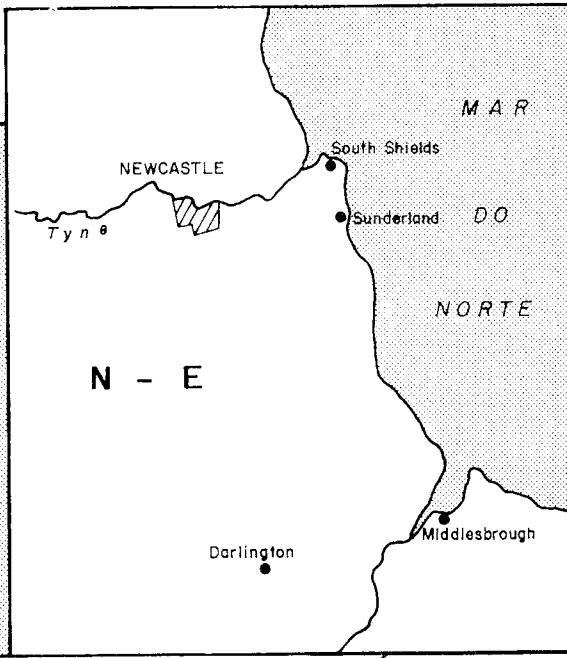
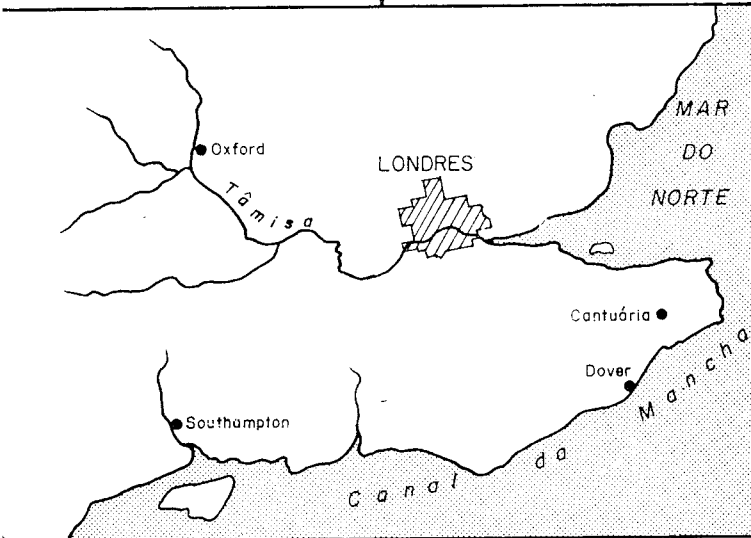
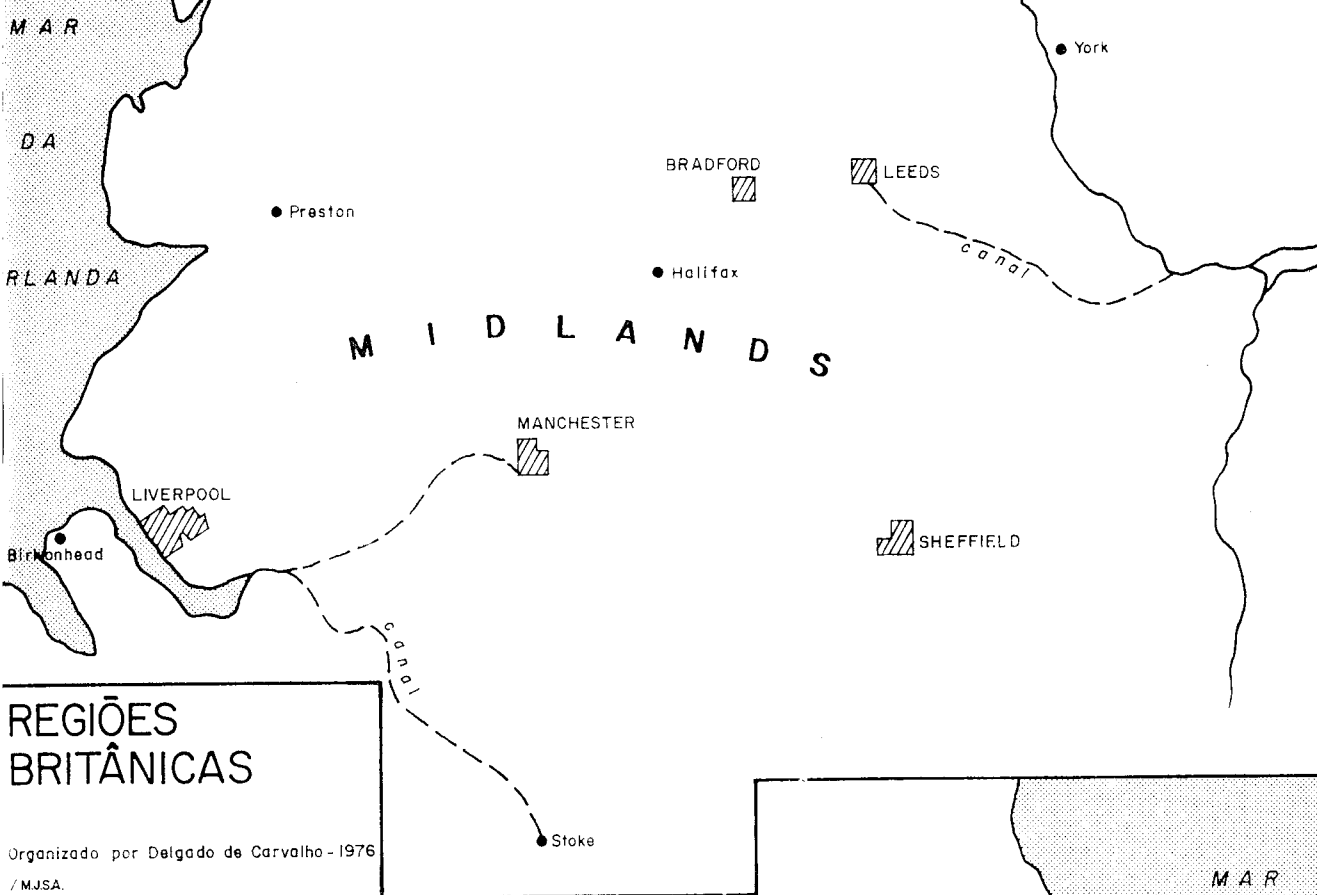
## 2 — Estrutura e Relevo

A atual configuração das *Ilhas Britânicas* resulta essencialmente dos dois dobramentos mais antigos da Europa e de um prolongado período glacial, cuja ação enérgica e extensa determinou as formas características do terreno. Estes dobramentos são:

— 1.º Os vestígios montanhosos do *dobramento caledoniano* da época primária, que dotaram as ilhas, ao norte de seu relevo mais marcado, não alcançando, no entanto, cotas superiores a 1.400 metros, atualmente com orientação geral SO-NE.

— 2.º Os vestígios mais recentes do *dobramento hercíniano* que os geógrafos ingleses chamam *armoricano*. São do período Carbonífero e se acham mais ao sul; a sua orientação geral O—E tem como exceção os montes Pênicos.

— 3.º Os sedimentos depositados na parte oriental e meridional, principalmente em eras geológicas posteriores, formam *bacias concêntricas*, visivelmente ligadas ao continente: a bacia de Paris parece ligada à de Londres, separadas apenas por um canal pouco profundo, que se formou mais tarde. Faixas concêntricas de camadas jurássicas e cretáceas formam colinas,



resíduos calcários mais resistentes em linhas sucessivas de declives suaves para a bacia de Londres. As três linhas deste relevo de alturas paralelas deu-se o nome de *Cotswold Hills*, de *Chiltern* e de *Downs (North e South)*.

No entanto, o relevo mais importante da Inglaterra pertence aos maciços primários resultantes dos mencionados dobramentos separados por afundamentos e depressões, hoje planícies onde se concentram as águas. O mar da Irlanda é a mais extensa formação deste tipo.

O relevo britânico é topograficamente divisível em três grupos distintos:

— O sistema anglo-escocês, que abrange os *HIGHLANDS* da Escócia, os *GRAMPIANS*, onde culmina o *Ben-Nevis* (1.350 metros), os montes *Cheviots*, que formam o limite norte da Inglaterra. No maciço calcário do *Cumberland* aparecem famosos lagos pitorescos; nesse chamado *Distrito dos Lagos* destacam-se o *Windermere* e o *Gable Pike*.

— O maciço do País de Gales, separado do precedente pela depressão triássica do rio *Mersey*, representa um sistema de anticlinais e de falhas com a denominação geral de *montes Cambrianos*. Na parte norte, a pouco mais de mil metros, culmina o *Snowdon*, vizinho da grande falha que separa o maciço da ilha de *Anglesey*.

— O maciço da *Cornualha* onde se acham colinas que formam as pequenas alturas graníticas de *Dartmor* e *devoniana de Ecmoor*. Em vários destes maciços encontram-se rochas vulcânicas: no *Snowdon*, no *Cumberland*, nos *Cheviots*, bem como nas ilhas e penínsulas ocidentais.

O solo da Inglaterra apresenta uma predominância de rochas antigas. São terrenos cristalinos em decomposição que formam colinas arredondadas de argilas e arenitos de medíocre fertilidade. Em compensação, existem nelas *ricos depósitos minerais de ferro e carvão*, principalmente este último, proveniente das vastas matas fossilizadas. Daí a localização das sete principais bacias carboníferas inglesas.

A sudeste o grande golfo marinho onde se depositaram sedimentos secundários em faixas sucessivas, abandonadas pelas águas, apresenta-se hoje com terras onduladas formando *cuestras*. Bacias intermediárias mais recentes, como a *planície marítima de Southampton*, a *bacia de Londres*, o *Weald*, o distrito dos *Fen*, separam as lombadas deste relevo de direção SO-NE.

O *litoral*, com suas articulações costeiras muito pronunciadas, dá a essas ilhas um perímetro de costas de 7.700 km, comparável aos 9.000 km do Brasil; essas articulações resultam da vizinhança, no litoral, de dobramentos antigos, desmoronados e falhados. Os numerosos lagos e os lagos estuários, como os do *Tâmisa*, do *Severn*, do *Wash*, do *Solway*, *provêm*, em grande parte, das extensas geleiras que durante longas eras geológicas cobriram as ilhas e modelaram-lhe a topografia.

Um dos casos mais interessantes, e talvez único nas estruturas geográficas, é o chamado "distrito laquista" do *Cumberland*, onde existe uma drenagem radial das águas ao redor do *Scan Fell*. Os lagos se irradiam em longas bacias divergentes, em todas as direções, sobressaindo-se os lagos *Windermere*, *Ullwater*, *Derwent* dentre outros. *Provém* este fenômeno orográfico de um núcleo de rochas antigas cujo centro, rodeado de rochas mais novas, foi por estas descoberto em função da erosão. Diz *Dudley Stamp*: "é o mais notável exemplo de drenagem radial conhecido".

Na Inglaterra do Norte, em contraste com o que se dá na Escócia, o relevo é mais afastado do litoral, sendo, por isso, bem menos importante o seu recorte contínuo; destacam-se somente a *baía de Morecambe* no *Cumberland* e a *ilha de Man* no mar da Irlanda.

No litoral do mar do Norte predominam as costas retilíneas, interrompidas pelo estuário do rio *Humber*. Já o largo golfo de *Wash* recolhe as águas do distrito pantanoso quaternário dos *Fen*, destacando-se as pontas rochosas em agulhas dos *cabos Lizard e Land's End* na extremidade da *Cornualha*. No estuário do *Solent* situa-se a *ilha de Wight*. Ao norte do *cabo Foreland* abre-se o estuário do rio *Tâmisa*, que se constitui numa das vias marítimas mais freqüentadas do mundo.

O litoral apresenta, pois, alternativas de costas altas de rochas duras e costas baixas arenosas. As falésias elevadas e brancas, visíveis do continente, levaram os continentais a denominar a Inglaterra de *Albion*.

Talvez não haja país em que ocorram mais, em conversa diária, as observações e discussões sobre o *clima*. Com a importância que vem tomando nas comunicações o papel da aviação, o conhecimento das condições climáticas tornou-se questão vital.

Foi com a Primeira Guerra Mundial que as condições da atmosfera passaram a ser estudadas, aproveitando os trabalhos de *Björknes* e da Escola

Norueguesa de Climatologia. Foram analisados todos os fatores de influências geográficas no clima britânico.

Em primeiro lugar, foi cuidadosamente registrada a *corrente marítima tépida do Atlântico Norte*, considerada, talvez com exagero, como continuação da *Gulf-Stream*. Esta influência, aliás, se estende até a costa norueguesa e o Círculo Ártico; é esta a *corrente tépida do Golfo de Inverno*. As águas são temperadas e continuam assim por causa da plataforma continental elevada, onde repousam as ilhas, o mar do Norte e a Escandinávia. O vento dominante é o *sudoeste*; é exatamente na sua parte ocidental que a Inglaterra oferece o maior número de estuários, baías e golfos, facilitando a penetração das influências oceânicas; as principais alturas da Inglaterra também se acham a oeste, recebendo os ventos e as chuvas, enquanto a parte oriental da ilha é mais plana.

O *inverno* inglês é brando, apesar de se encontrar a ilha na latitude do Labrador (Canadá) e *Kamtchatka* (Sibéria). O *verão* é fresco; Londres apresenta temperaturas que variam dos 4°C no inverno aos 18°C no mês de julho. As amplitudes térmicas vão se acentuando de oeste para leste.

As *chuvas* são abundantes na costa ocidental, principalmente, e nas zonas montanhosas, devido aos ventos úmidos do Atlântico. A parte oriental é menos chuvosa, embora seja grande a nebulosidade ou "ruço" que os ingleses chama de "*fog*". A umidade é, pois, uma das características do clima britânico; na parte oriental da Inglaterra chove menos de um metro, e os dias são mais luminosos.

Poucos países sofreram, nas suas *associações vegetais*, maiores transformações devidas à ação do homem que, há séculos, vem influindo na distribuição das áreas de cultura, à custa da vegetação original primitiva, abrindo clareiras, destruindo plantas espontâneas para formar pastagens e campos. Atualmente só subsistem, do manto florestal primitivo das planícies e dos vales, fragmentos que ocupam apenas 3 ou 4% da área do País, enquanto na Bélgica chega a 12% esta proporção. A *charneca* é o aspecto mais comum das paisagens. Na parte sul do País predominam nos bosques a *faia*, a *bétula*, o *carvalho* e as *coníferas*. As planícies oferecem extensas pastagens, mas não faltam vastas áreas pantanosas, os chamados *moorlands* e regiões de vegetação arbustiva ou *hearthland*. A beira-mar surge uma vegetação que vinga nas formações arenosas, mesmo

quando periodicamente inundadas pelas águas salgadas.

Os *rios* da Inglaterra são numerosos, e parte nenhuma da ilha se encontra privada de águas correntes; são, porém, cursos de pequena extensão, restritos as suas respectivas bacias. São alimentados quase que exclusivamente pelas chuvas, donde a regularidade de seus débitos. Atravessam terras em sua maioria permeáveis e de fraco declive, resultando no seu fácil aproveitamento em boa extensão de seu curso. Devido a isto são também pouco ativos no transporte de aluvião, e eminentemente próprios à navegação, sobretudo porque a maioria deles possui importante estuário que favorece à maré penetrar profundamente no seu interior.

Na vertente ocidental da Inglaterra o espaço entre o relevo e o mar não apresenta largas áreas fluviais. O *rio Mersey* e seu largo estuário em *Liverpool* é mais importante pelo serviço prestado do que propriamente por sua extensão, que pouco ultrapassa os 100 km; é tributário do mar da Irlanda.

Tributário do *canal de Bristol*, o *rio Severn* nasce no País de Gales, medindo mais de 340 km; seu principal afluente é o *rio Avon*, banhando a terra onde provavelmente nasceu Shakespeare.

Na vertente do mar do Norte, sendo mais extensas e numerosas as planícies, correm os rios ingleses de bacias mais largas e de cursos mais sinuosos. No extremo norte da Inglaterra o *rio Tweed*, escocês, constitui, na sua parte de planície, o limite setentrional da terra inglesa.

Nesta vertente oriental das planícies se localizam os rios mais importantes pela sua extensão e a complexidade de seus afluentes. Em primeiro lugar, na planície apresenta-se o longo e largo estuário do *Humber*, que reúne a maior parte dos rios ingleses, constituindo vasta bacia fluvial onde se reúnem o *rio Ouse*, vindo do norte e o *rio Trent*, oriundo do sul.; ambos trazem águas dos maciços montanhosos formados pelos Peninos. O *Trent* com os seus 370 km drena as águas do *Midland*.

Mais ao sul estende-se a bacia da região chamada *Fen* que envolve a larga bacia do *Wash* onde alcança o mar uma série de rios sinuosos como o *Wilham*, o *Nen* e o *Ouse*.

Historicamente, o rio mais importante, como também o mais comercialmente ativo da Inglaterra, é o *Tâmisa* com seus 336 km de percurso; nasce no *Cotswold Hills* e se dirige para

leste, passando por *Oxford*, para cortar os *Chiltern Hill*. Ao atravessar *Londres* alarga-se consideravelmente, tornando-se uma das mais importantes vias de comunicação do mundo. É um rio sinuoso, moderado e regular. Num pitoresco cenário de bosques e de gramados, é atravessado por pontes ou *pound locks* em sua parte média, encantos de passeios dominicais.

Os rios britânicos, além de úteis às comunicações internas, se prestam também ao estabelecimento de canais que se ligam entre si. O *Humber* e o *Mersey*, o canal de Bristol e o estuário do Tâmesa são ligados e freqüentados por pequenas embarcações que, apesar das numerosas represas ou *locks*, são de grande atividade interna.

### 3 — Regiões Econômicas

A população atual da Inglaterra e do País de Gales é de 50 milhões de habitantes em 1971; há cem anos, em 1871 era de apenas 23 milhões, contando menos de 10 milhões em princípio do século XIX, a Inglaterra do tempo das guerras napoleônicas.

A densidade demográfica é de aproximadamente 335 habitantes/km<sup>2</sup> contra 130 habitantes/km<sup>2</sup> no País de Gales. A *concentração urbana é a maior do mundo*, visto que 85% desses habitantes vivem nas cidades. A repartição sócio-profissional marca este contraste entre população urbana e população rural. O setor agrícola representa apenas 5% da população ativa.

Quanto à distribuição desta população notam-se as seguintes feições:

— 1.º As *montanhas*, em função de seu solo, dos declives e do clima, apresentam densidades demográficas fracas de 4 a 10 habitantes/km<sup>2</sup>.

— 2.º As *regiões agrícolas*, como a parte oriental da Inglaterra, oferecem densidades médias de 40 a 80 habitantes/km<sup>2</sup>.

— 3.º As *regiões industriais* e a *bacia de Londres* apresentam elevadíssimas densidades populacionais, alcançando 1.000 habitantes/km<sup>2</sup> no *Lancashire* e no *Middlesex*.

— 4.º As *regiões costeiras* são muito povoadas devido à importância que coube ao mar no desenvolvimento do povo britânico.

— 5.º No País de Gales e na parte sul, no canal de Bristol, localizam-se os portos de Cardiff e de Swansea.

A esta diferenciação, provocada em grande parte pelas transformações

da produção por meio de máquinas e de processos químicos, foi dado o nome de "Revolução Industrial". Esta evolução teve início no fim do século XVIII e perdurou nas épocas seguintes. O trabalho caseiro da Idade Média, que empregava processos simples, passou a ser feito nas oficinas das Guildas. Os mercadores aplicavam seus capitais comerciais na produção industrial, procurando finalmente produzir rapidamente e barato. Os processos de produção foram abandonados aos poucos, e os proprietários, cercando suas terras pelas *enclosures*, dispensaram mão-de-obra agrícola para criar carneiros e fornecer lã à indústria, sem cuidar das transformações sociais causadas pelos novos objetivos da produção que, além da lã, passou a importar algodão da Ásia.

As diferenças regionais baseadas na variedade dos recursos naturais criaram, na Inglaterra, as características sociais de sua população. Entre o norte e o sul, entre o leste e o oeste há contrastes mais ou menos marcados na vida econômica e social das localidades; por outro lado, as influências do clima e do relevo foram fracas ou quase nulas na estrutura humana do País.

Traçando uma linha do canal de Bristol ao largo golfo de Wash, no mar do Norte, a Inglaterra pode ser dividida em duas super-regiões, apresentando relevante contraste econômico na vida da população inglesa.

Ao norte desta referida linha se localizam as *minas de carvão e de ferro*, sendo terra de grande *indústria fabril*; lá se constroem navios, prevalecendo também a indústria pesada. Ao sul da mencionada linha se encontra a dita região dos *Midlands* e outras onde, além das indústrias leves, das sedas artificiais e outras, localiza-se a fabricação de carros; é ainda a região das velhas universidades, abrigo mais da metade da população total do País.

Esta diferenciação entre o norte e o sul é resultado da "Revolução Industrial", cuja influência atingiu também os dialetos, a pronúncia, certos hábitos e, dizem, até mesmo o caráter. O norte é talvez mais poético e o sul mais científico, abrigo Cambridge, de secular influência.

### 4 — Formação Histórica

Os habitantes das Ilhas Britânicas são descendentes de invasores vindos do continente, provavelmente numa época em que ainda se achavam liga-

das as terras da atual região da Mancha, como provam as formações geológicas do sudeste da Inglaterra e da baía de Paris. O chamado Passo de Calais foi um istmo pleistoceno, isto é, quaternário. Os primeiros elementos de penetração humana foram oriundos da Gália, principalmente; no entanto, os contingentes mais importantes na formação do povo inglês foram muito posteriores.

1 — Os *celtas*, indo-europeus da Europa Central, invadiram as Ilhas Britânicas ainda na Idade do Bronze, influenciando no tipo físico e na cultura social da população.

2 — Os *romanos*, em seguida, ocuparam e dominaram as ilhas durante quatro séculos. O Imperador Cláudio visitou a Britânia em 43 d.c.; o mais ilustre dos administradores da ilha romana foi Agricola, sogro do escritor Tácito. Embora o contingente romano tenha sido fraco, sua colonização, no entanto, foi ativa, já que estabeleceu uma rede de estradas de rodagem de valor estratégico-comercial. As cidades ou colônias chamadas "municípios" como *Eboracum* (atual York) ou *Aquae Salis* (atual Bath) elegiam seus magistrados e os cargos eram hereditários. A lei romana desenvolveu e sistematizou a agricultura, permitindo o desenvolvimento de estabelecimentos industriais. No ano 121 d.C. o imperador Adriano foi a Britânia e mandou construir a linha de fortes ao longo do rio Tyne para evitar as invasões do norte. O comércio com Roma e o continente desenvolveu-se, mas, em compensação, a escravidão romana não poupou o recrutamento de bretões, levando-os para fora de sua terra.

3 — Os *anglo-saxões e jutas* eram povos germânicos que os celtas tiveram a imprudência de convidar para irem habitar na ilha (episódio de *Hengist e Horsa*). Eram navegantes e piratas escandinavos, louros, fortes e guerreiros que foram se estabelecendo na Inglaterra escravizando os nativos e perturbando a vida social e econômica; foram aos poucos fundando os Reinos de *Kent*, de *Wessex*, de *Mércia* e outros, tornando-se cristãos com a vinda de Santo Agostinho, enviado pelo Papa Gregório VII. Destacou-se, no período anglo-saxão, o rei Alfredo, o Grande, que resistiu à invasão dinamarquesa no fim do século IX.

4 — Os *normandos* foram, finalmente, o mais decisivo elemento que se superpôs politicamente na formação definitiva do povo inglês. O sistema feudal tinha se estabelecido no continente depois da morte de Carlos Magno,

cujo império se esfacelava com a formação de autonomias locais em perpétuos conflitos. O recurso dos mais fracos à proteção dos mais fortes acabava por anular a fraca autoridade da realeza. Na Inglaterra, acolhendo os normandos, a população acabou sendo por eles conquistada quando o Duque de Normandia, Guilherme, cognominado o Conquistador, lá obteve a vitória de *Hastings* (1066). Mas a realeza inglesa, estabelecida e firmada pelo rei normando, não constituiu um feudalismo igual ao continental europeu. As características do *feudalismo britânico* se basearam não na dispersão, mas sim na centralização e dependência da realeza; na distribuição das terras pelo rei, que determinava a sua propriedade sob juramento de fidelidade, e que as concedia por parcelas afastadas umas das outras, a fim de neutralizar qualquer tentativa de resistência à autoridade real.

A *língua* dos normandos era o *francês*, já que eram descendentes dos dinamarqueses estabelecidos na Normandia; nessa região haviam esquecido o seu dialeto nórdico e substituído pelo francês, dois séculos antes de conquistar a Inglaterra. A invasão normanda levou, pois, grande número de palavras francesas usadas exclusivamente na Corte, no meio eclesiástico e justiça, mas que se infiltraram também no meio popular.

Entre 1204, data da separação da Normandia da Inglaterra, e 1353, princípio da Guerra dos Cem Anos, à grande luta militar de um século se sucede uma épica luta lingüística, também secular. Esta termina pelo Ato de 1362 que obrigou o uso do *inglês* nas Cortes de Justiça do Reino.

O inglês moderno é o resultado de todas as influências complexas que marcaram o Renascimento, a imprensa, as descobertas, os estudos clássicos e a chegada dos Tudors ao trono. A característica principal desta última fase histórica da língua inglesa reside no fato de haver se tornado numa língua mais analítica. As inflexões são substituídas por numerosas e freqüentes preposições; as terminações se perdem quando a euforia não as exige. A segunda característica do inglês moderno é a grande variedade de palavras importadas de outras línguas antigas e mais recentes, sobretudo o vocabulário latino e as descobertas do Novo Mundo trouxeram numerosas palavras espanholas, portuguesas e indianas.

O inglês atual é, assim, formado de duas línguas que se estabeleceram lado a lado, se completando uma à outra, intimamente ligadas, a ponto de ser

impossível fazer uma frase sem recorrer a ambas: o anglo-saxônico e o latim, direto ou por meio do francês.

Durante muitos séculos a Inglaterra se contentou em manter duas universidades, a de *Oxford* fundada em 1168 e a de *Cambridge* que data de 1209; atualmente são onze as universidades inglesas — *Birmigham, Bristol, Leeds, Liverpool, Manchester, Reading* e *Sheffield*, advindas de antigos Colégios Universitários (*University Colleges*), posteriores a 1900. Do século passado são as Universidades de *Druham* e a de Londres (1836).

Em 1971 a Universidade de Londres contava com 34 mil estudantes e mais de 6 mil professores e mestres; Cambridge tinha 10 mil e Oxford 11 mil estudantes, respectivamente. Dos 176 mil estudantes universitários da Inglaterra cerca de 50 mil são mulheres.

“É curioso, diz uma publicação oficial inglesa, que na Inglaterra, País antigo e tradicionalmente cultural, o conjunto de universidades seja tão recente, tão novo“. Deixa isto de ser estranho se lembrarmos que todo e qualquer sistema geral de educação nacional na Inglaterra é recente, pois apenas em 1870 passou a vigorar a primeira lei a respeito, o *Education Act*. As duas universidades de *Cambridge* e *Oxford* tinham sido suficientes para a Inglaterra de 1815, com sua população de 10.000.000 de pessoas, dotada do imperfeito sistema de escolas voluntárias. Foram as novas classes sociais, formadas pelas reformas eleitorais de 1832, 1867 e 1885, que provocaram o progresso da educação; resultaram, pois, daí as sete novas universidades do vigésimo século.

Uma das características das universidades inglesas é a de não serem instituições do Estado; são todas sociedades voluntárias, tal como eram as universidades da Idade Média, o que não impede, no entanto, de serem todas fundadas por Carta Real (*Royal Charter*) sua forma legal. Daí a sua autonomia e o seu financiamento por autoridades locais. É uma peculiaridade do gênio inglês preferir agir na esfera da ação autônoma em vez de receber do Estado iniciativas e impulsos. Parece isso paradoxal, diz a citada publicação inglesa, mas é assim mesmo

Quando, no início do século XVI explodiam na Europa os movimentos sociais de *reforma religiosa*, a Inglaterra se preparava também para abandonar o “indiferentismo” que havia se alastrado nos países cristãos, graças ao abuso que a tolerância romana vinha revelando. Nesse setor religioso a

mentalidade inglesa exigia que o movimento obedecesse ao espírito nacional. Assim, naquele momento da História da Europa Cristã, coincidia o caso de julgar o rei Henrique VIII ser oportuno, com semelhante necessidade para o seu governo, chefiar uma reforma religiosa que só viria a enriquecer o Estado inglês com os valiosos bens que Roma possuía na Inglaterra; tanto mais, que semelhante ruptura permitia-lhe resolver o seu próprio caso matrimonial, o seu divórcio.

Daí a ruptura com Roma e a nova forma religiosa de cristianismo, o *anglicanismo*, chefiada pelo rei inglês. Daí também a semelhança do novo culto com as formas católicas, que pouco foram alteradas, a não ser em sua dependência com relação a Roma. Ficaram para mais tarde, já no governo de Elizabeth, os detalhes da nova religião instituída. A reforma inglesa não conseguiria, todavia, incluir na sua Igreja toda a população cristã da monarquia. A reforma protestante de Henrique VIII consistiu inicialmente em práticas católicas que tiveram que ser, aos poucos, modificadas e consolidadas. O objetivo do rei Tudor tinha sido, principalmente, o de pôr as mãos sobre os numerosos e valiosos bens da Igreja Católica na Inglaterra.

A unidade religiosa que talvez algum dia tenha sido visada não coube à Inglaterra, pois os diferentes tipos de protestantismo foram se multiplicando, comprovando o espírito religioso, moral e piedoso do inglês. Hoje em dia a Igreja da Inglaterra — *Church of England* — conta com mais de 28 milhões de fiéis; dos outros movimentos evangélicos que se deram no século XIX, o país ficou com 700 mil metodistas, 275 mil batistas, 65 mil presbiterianos, 110 mil calvinistas. Quanto às demais religiões existem 4 milhões de católicos e cerca de 500 mil judeus.

Uma das características do povo inglês na época moderna é a sua facilidade de se expatriar, principalmente quando essa expatriação não é total, ou seja, se efetua para terras ditas britânicas ou de língua inglesa, como os Estados Unidos.

Nos dois últimos séculos a *emigração inglesa* entrou nos hábitos do país. A intensidade do movimento tem variado e baixado por vezes, mas jamais interrompido. As primeiras levadas migratórias da Inglaterra foram no século XVII para os futuros Estados Unidos; no século XVIII e período de 1820 a 1914 saíram mais de 16 milhões de súditos do Reino Unido. É evidente que as variações anuais registradas ti-



nham suas causas: a crise da batata, em 1846, o ouro descoberto na Califórnia, em 1846-54, a crise agrícola de 1880-90. No entanto, os Estados Unidos não permaneceram como o destino principal da emigração britânica.

O objetivo principal da política migratória da Grã-Bretanha foi a distribuição de sua população nas diferentes regiões de seu império, de modo eficiente, visando ao desenvolvimento econômico e à segurança política. Pode essa política migratória ser considerada como um compromisso entre o governo da Grã-Bretanha e os governos coloniais, para dotar as diferentes terras de sangue britânico, capaz de resolver de modo conveniente os problemas que surgem nos diferentes continentes. Por mais independentes que se tenham tornado os ex-domínios britânicos no mundo atual, a cooperação nunca falha, tal qual foi instituída pelo *Estatuto de Westminster* de 1931 e pelo *Commonwealth Relations Office* de 1947. É neste último que mergulhou, para desaparecer, o antigo *Colonial Office*

## 5 — Evolução Econômica

A História da Inglaterra nunca será bem interpretada se fizermos abstração do espírito essencialmente comercial que sempre guiou a sua evolução econômica. Todas as suas atividades agrícolas e pastoris sofreram influências exteriores que levaram o país a se dedicar, de preferência, ao *intercâmbio e aparelhamento de seu comércio*, desviando da lavoura a maior parte das atividades. Estas tendências se tornaram mais marcadas no fim do século XVIII e, depois das guerras napoleônicas, determinaram o advento do país como nação mais industrializada da Europa e do Mundo.

Com a *preeminência comercial* que a Inglaterra adquiriu foi diminuindo o número de seus pequenos lavradores. A cultura do trigo foi praticamente abandonada, subsistindo apenas a aveia e a cevada para cuidar do gado que continuava a ser objeto de especial atenção e constante melhoria. Essa *progressiva regressão das atividades agrícolas* resultava da maior dedicação à produção industrial que colocou a Inglaterra na mais adiantada fase industrial de seu tempo, motivo principal de seu desenvolvimento comercial. Fabricando mais e vendendo mais, passou a ocupar no mundo maior número de estações marítimas, feitorias, pontos de abastecimento, mercados de exportação. Daí a necessidade de maior

*frota mercante* e de influente *ação bancária* a incentivar o comércio. Passou a Inglaterra a superar os países mais adiantados da Europa Continental. Foi o século XIX, a fase do reinado da Rainha Vitória, que marcou no continente a apogeu da preponderância britânica.

No fim do século XIX já se tornavam inquietadoras as condições que resultaram do abastecimento da Inglaterra, que já havia passado a depender quase que totalmente do estrangeiro para a sua vida diária, com uma balança comercial desfavorável, embora com ampla compensação nas atividades de transporte e de finanças.

A partir de 1918 a Inglaterra é levada a considerar sua nova situação no mercado internacional. A Primeira Guerra Mundial lhe havia custado grandes sacrifícios; havia apelado para seus recursos financeiros colocados no exterior, principalmente nos Estados Unidos; em segundo lugar, seu aparelhamento industrial vinha se tornando deficiente e arcaico; em terceiro lugar, as nações européias, suas clientes, como a Alemanha por exemplo, já dispensavam maior contribuição industrial inglesa; em quarto lugar, as próprias colônias britânicas se revelavam aparelhadas para entrar na fase da industrialização. Assim, por causas variadas, encontrava-se a Inglaterra em *deficit* na balança comercial tendo que recorrer à chamada "austeridade econômica", agravada, depois da Segunda Guerra Mundial, pela concorrência dos Estados Unidos e de potências continentais européias.

Chegava assim o momento de examinar os motivos principais aos quais se atribuía à Inglaterra uma invencível superioridade econômico-política: sua organização, sua liberdade e especialmente seu livre câmbio. Ora, foram estas mesmas razões que prepararam o seu declínio econômico e social. A Inglaterra necessitou acabar com certa anarquia econômica e com sacrifício de produtores menores recorrer a melhor organização, agrupando as indústrias metálicas, as de transporte, de farmácia, de fósforos, de tecidos e outras, com fusão em empresas mais importantes. De outro lado, a Inglaterra, vendo a dificuldade de escoamento de suas indústrias no continente, passou a reforçar as suas ligações com seu ex-império, hoje *Comunidade Britânica*. O encarecimento geral das coisas, que assim veio a afetar a vida do inglês, levou à multiplicação das *organizações cooperativas de consumo*, seguindo assim o exemplo do mundo russo.

Além das reformas, melhoramentos e reaparelhamento das chamadas indústrias-chaves foram se multiplicando; surgiram novos empregos com o desenvolvimento e progresso na papelaria, na tipografia, na vidraçaria, nos produtos químicos, no petróleo. Novas máquinas mais aperfeiçoadas, assim como produtos de melhor acabamento para acessórios, foram aparecendo aos poucos. Notava-se também maior tendência a visar o mercado interior; essa evolução foi marcada por certos movimentos de população, como o que saiu da região do País de Gales para se estabelecer em ambientes novos.

De todas as medidas, que se pareciam impor para enfrentar a situação criada depois da Segunda Grande Guerra, a que mais profundamente afetou a opinião inglesa foi a questão do chamado *Mercado Comum*. Constituiu-se esse, essencialmente para a Inglaterra, no definitivo abandono de seu tradicional "esplêndido isolamento", a sua tradição de mais de dois séculos.

As negociações que há cerca de três anos levaram a admissão da Inglaterra no Mercado Comum, fase verdadeiramente significativa e dramática, eram conseqüências lógicas de toda a recente história econômica da Europa de após-guerra. Consistia esse movimento numa tentativa de achar uma fórmula que estabelecesse a paz permanente entre as grandes nações e livrasse pelo menos as nações da Europa de novos conflitos armados.

Foi iniciado, em 1952, pela *Comunidade Européia do Carvão e do Aço*, seguida em 1957 pelo *Tratado de Roma*, um pacto que ligou a França, a Itália, a Bélgica, o Luxemburgo, os Países Baixos e a Alemanha Ocidental, acabando aos poucos com as restrições do tráfico interno, estabelecendo tarefas comuns e tratando de política agrícola, de transportes e de trabalho. Estabelecia-se, assim, a ação econômico-política do Mercado Comum.

Observando-se as vantagens obtidas pela nova formação assim formada na Europa Continental, Churchill chegou a recomendar a participação da Inglaterra no referido pacto econômico. A Inglaterra temia, porém, que a França e a Alemanha não deixassem reinar a paz em futuras operações, pois eram tradicionais inimigas. Por sua vez, a Inglaterra preferiu entrar em outro pacto e aderiu, em 1959, à *Convenção de Stokholm* que agrupava a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Suíça, a Áustria e Portugal; era o EFTA, ou seja, a *Europa Free Trade Association*.

Era, porém, muito diferente o caso desta associação na qual entrava a Inglaterra, pouca semelhança apresentando com o Mercado Comum da Europa Continental. Era apenas um movimento de união, coordenando capitais, transportes, objetivos, sem envolver política com subordinação, nem afetando soberanias nacionais.

Nestas condições, o governo conservador da Inglaterra não julgava encontrar instituições européias compatíveis com a sua tradicional liberdade e autonomia absoluta. Não deixava, entretanto, de serem numerosos os ingleses que consideravam boa a entrada do País no pacto europeu.

Constituíam, porém, obstáculos à participação inglesa, em primeiro lugar, a situação da agricultura no Mercado Comum; não havia os subsídios que a situação inglesa necessitava, depois de tantos anos de restrição à agricultura. Por outro lado, havia o obstáculo criado pela existência do *Commonwealth*, isto é, da preferência imperial em tarifas que mantinham a Comunidade Britânica.

A opinião estava muito dividida no mundo inglês, mas em ambos os partidos havia uma clara visão da urgente necessidade de solução. A filiação da Inglaterra com a Europa Ocidental acabou se concretizando a 13 de julho de 1972 na Casa dos Comuns que aprovou a entrada do país na *Comunidade Econômica Européia*. Passava, assim, a Inglaterra, a sair finalmente de seu secular isolamento, seu *Splendid Isolation* e a fazer parte integralmente do continente europeu.

#### Divisão Político-Administrativa do Reino — Unido

UNIDADE	ÁREA
Inglaterra	131.761 km <sup>2</sup>
País de Gales	19.883 km <sup>2</sup>
Escócia	77.171 km <sup>2</sup>
Irlanda do Norte	13.746 km <sup>2</sup>
Ilha de <i>Man</i>	572 km <sup>2</sup>
Ilhas do Canal	195 km <sup>2</sup>

## 6 — Ilhas Menores

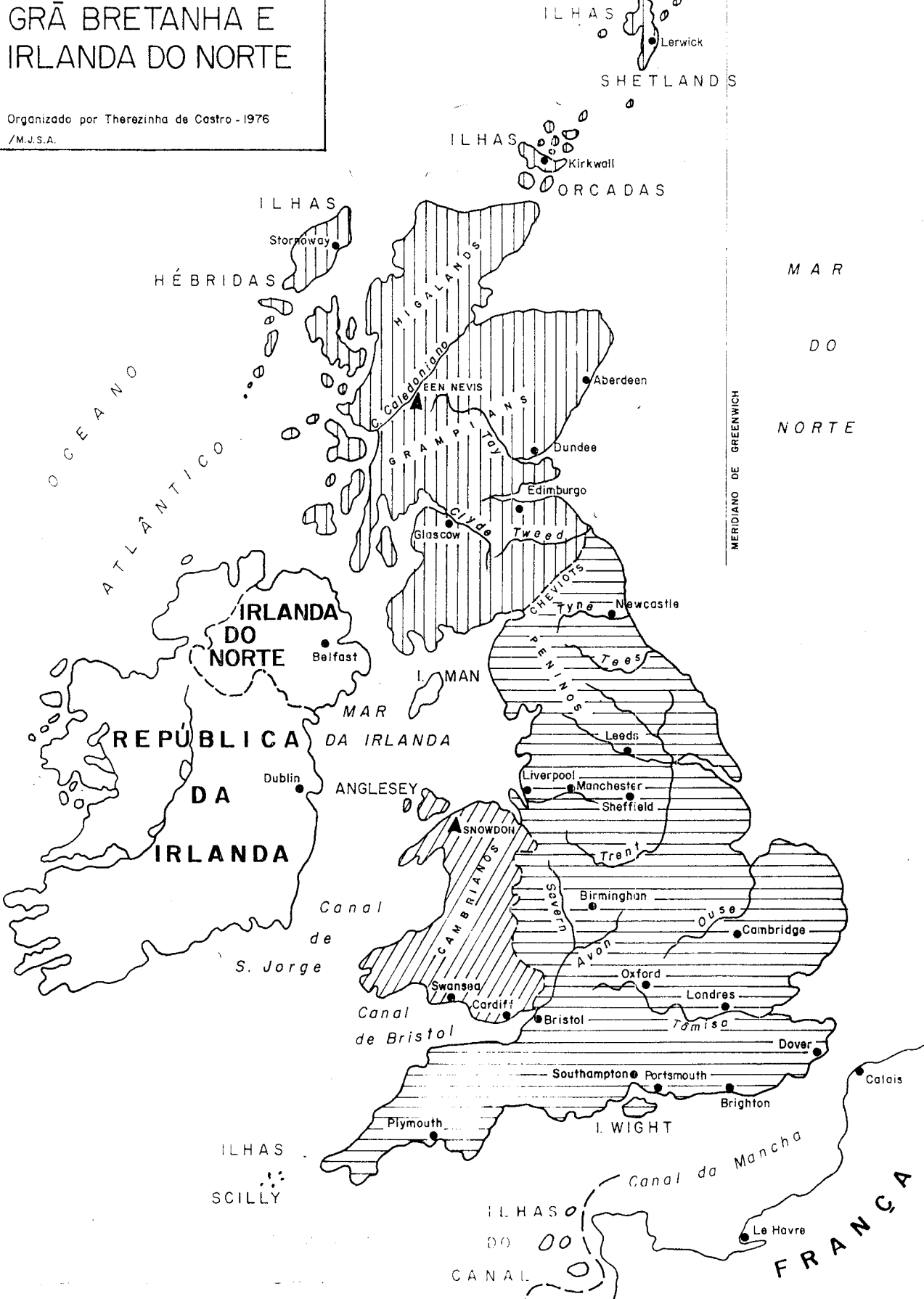
### a) *Ilha de Man*

No mar da Irlanda, entre as costas da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, situa-se a ilha de *Man*. Seu território é de 572 km<sup>2</sup> e sua população é de cerca de 60 mil habitantes, dos quais mais

# REINO UNIDO DA GRÃ BRETANHA E IRLANDA DO NORTE

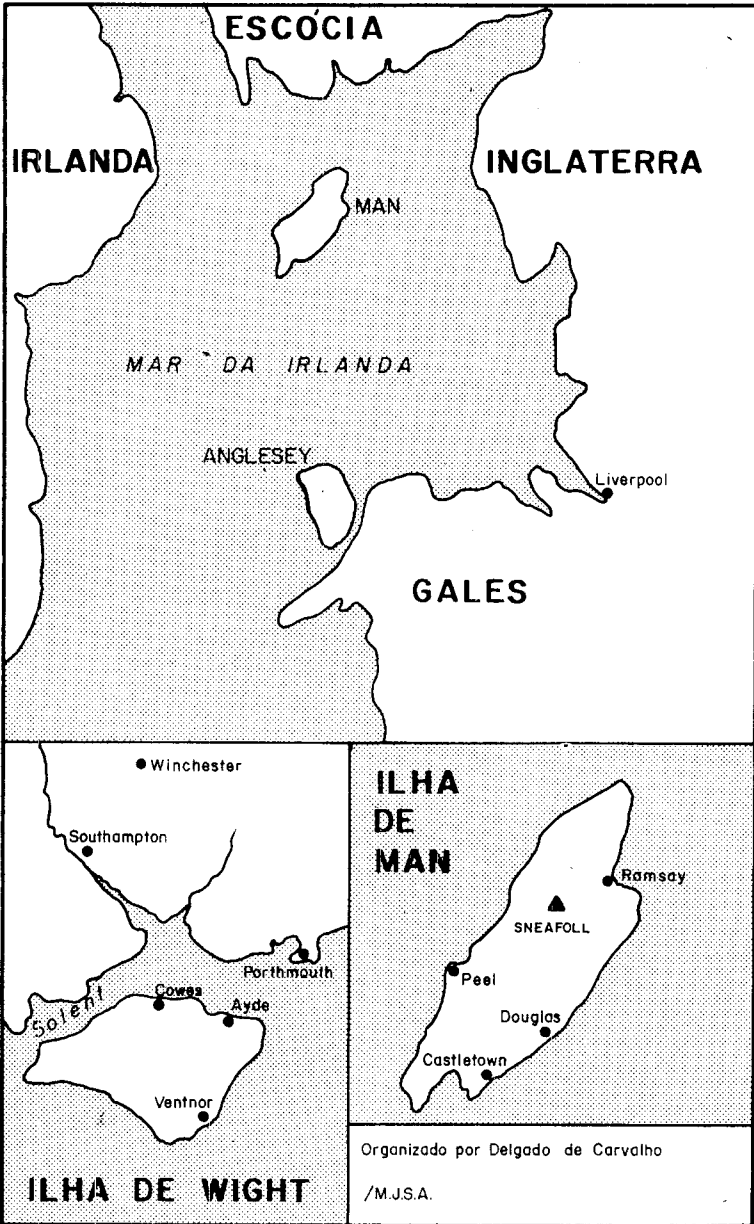
Organizado por Therezinha de Castro - 1976

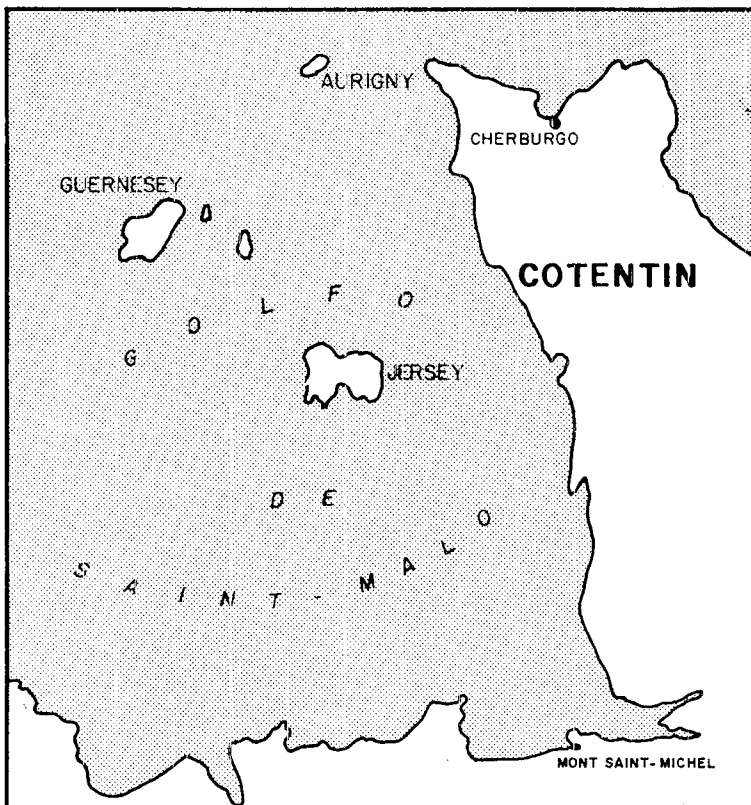
/M.J.S.A.



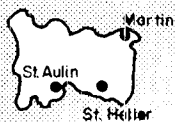
MERIDIANO DE GREENWICH

ESCÓCIA
  PAÍS DE GALES
  INGLATERRA





**ILHAS ANGLO - NORMANDAS**  
 (Channel Islands)



**ILHA DE JERSEY**

Organizado por Delgado de Carvalho  
 /M.J.S.A.

de 20 mil residem na capital da ilha, a cidade de *Douglas*; as demais cidades, como *Ramsey*, *Castletown* e *Peel* regulam populações de 2 a 5 mil habitantes. A língua oficial é a inglesa, mas ainda existem os bilingüistas que falam o *many*, dialeto relacionado com o gaélico, ainda em uso nos livros de orações; sobrevive, aliás, poucas pessoas que sabem o *many*.

Topograficamente, a ilha é formada de planaltos cortados por vales profundos. Suas regiões costeiras se dedicam principalmente à criação, embora a agricultura predomine na parte oeste da ilha, a mais abrigada contra a umidade. A principal atividade da ilha é a *pesca do arenque*, embora as lavouras de trigo, batatas, cevada e outros cereais prosperem. A criação do gado vacum também se desenvolve; em 1972 eram criados 584 cavalos.

A despeito de sua pequena importância territorial, a ilha de *Man* teve uma história política bastante movimentada. Depois da *dominação romana*, a ilha foi sucessivamente ocupada por galeses, escoceses, anglo-saxões e sofreu *invasões escandinavas*. No fim do século IX foi conquistada pelo rei da Noruega, Haroldo I; durou a ocupação norueguesa até 1266, época em que a ilha foi cedida ao rei da Escócia, Alexandre III. Acabou sendo apenas a propriedade de famílias inglesas — os *Stanley*, os *Derby* e outros, até ser *comprada pela Coroa da Inglaterra* no século XVIII e se tornar, no século XIX (1829), Colônia da Coroa, do mesmo modo que as Ilhas Anglo-Normandas localizadas no canal da Mancha.

#### b) *Ilhas Anglo-Normandas*

O nome Anglo-Normandas é o topônimo que os franceses dão as ilhas do Canal da Mancha que os ingleses denominam de *Channel Islands*.

*Jersey*, *Guernesey* e *Aurigny* são as principais ilhas deste arquipélago formado no golfo de *Saint Malô*, a oeste da península francesa do *Contentin*. A principal cidade é *Saint Helier*, e se encontra em Jersey.

Estruturalmente estas ilhas fazem parte de um ramo emerso do *maciço Armoriano*, formado de rochas pré-cambrianas, graníticas, gnáissicas e outras. Formam linhas quebradas na

direção sul-norte. No vasto golfo em que se encontram, as águas pouco profundas do mar determinam marés perigosas nos quatro grupos de ilhas de forma geralmente retangular. O clima da região insular é temperado e muito procurado pelos turistas ingleses que entendem o calão e o francês, que é a língua oficial. A flora e fauna gozam de reputação de riqueza; a variedade das aves permite a sua classificação em mais de 200 espécies.

Subsiste nestas ilhas o antigo sistema normando de propriedade que se superpôs ao primitivo regime de campo aberto. O solo é fértil e a exportação de batatas, tomates, uvas e flores para a Inglaterra representa o comércio principal das ilhas. Com a França vizinha é bem menor o intercâmbio.

São poucos os vestígios de uma ocupação das ilhas pelos *romanos*. Desde muito cedo foi região de catequese cristã e, dentre seus santos, Helier deu à ilha o nome da cidade principal. A ligação com a *Coroa Inglesa* só se realizou no tempo de João Sem Terra. A tentativa de lá se introduzir costumes ingleses não deu resultado.

#### c) *Ilha de Wight*

Separada do continente inglês pelos dois largos canais de *Solent* e de *Spithead*, a ilha de *Wight* tem a forma aproximada de um losango, encontrando-se dividida em duas partes pelo *rio Medina*. Seu clima é saudável, temperado e muito procurado. Seu relevo apresenta uma costa sulina pitoresca, bastante procurada pelos turistas.

*Ventnor*, *Ryde* e *Cowes* são seus principais centros urbanos, ligados regularmente a *Southampton* e *Portsmouth*.

Ocupada pelos *romanos* no tempo de Vespasiano, foi invadida sucessivamente pelos *jutas*, *dinamarqueses* e pelos *franceses* já no século XV. *Newport* é sua capital, no estuário do Medina, embora seu porto principal seja *Cowes*, que é também o quartel general da *Royal Yacht Squadron*. Sempre muito visitada pelos soberanos ingleses, foi no palacete de Osborn que faleceu, em 1901, a Rainha Vitória.

(maio de 1976)

# Costa do Marfim

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBGE

## 1 — Aspectos Geoeconômicos

Com sua *forma compacta*, correspondendo aproximadamente a um quadrado, a *Costa do Marfim* tem ..... 322.500 km<sup>2</sup> de área, sendo pouco menor que o nosso Estado do Maranhão (328.663 km<sup>2</sup>). Limita-se no interior setentrional com as Repúblicas do Mali e Alto Volta, no oeste com a Guiné e a Libéria, no leste com Ghana, e no sul é banhada pelo golfo da Guiné, aí formado pelo Atlântico.

As *terras planáltinas* da Guiné se estendem pela Costa do Marfim ao norte, declinando suavemente para o litoral; em território da Costa do Marfim o planalto culmina nos *montes Nimba* com 1.054 metros.

Nesta zona de declive correm os rios paralelos representados pelo *Cavala*, *Sassandra*, *Bandama* com seus afluentes *Marahué* e *Nzi* e o *Camoé*.

A zona de declive, numa linha que vai desde o alto Camoé até a região entre *Bandama* e *Sassandra* inferior, delimita numa diagonal as *duas grandes áreas petrográficas* da Costa do Marfim — a do oeste, essencialmente *granítica*, e a do leste, notadamente *xistosa*. Constitui-se ainda essa zona de declive na *transição botânica entre a floresta e a savana*. A zona de floresta densa se estende justamente ao longo do paralelo de 8°, em toda a parte mediana da Costa do Marfim, numa linha que se distancia do litoral em 120 e 300 km. A zona florestal que se estende por mais de 120.000 km<sup>2</sup> recebe de 1,35 a 2,50 metros de chuvas anuais; diminuindo a pluviosidade de sul para norte, vão surgindo as clareiras e finalmente se estende o domínio da savana.

Na intercepção do eixo *Bandama-Nzi* com o *litoral* nota-se a diferença existente na costa do País — a *rochosa*, localizada no oeste e a *baixa-lagunar* no leste. O litoral da Costa do Marfim, bem irrigado, recebendo de 2 m a 3,15 metros de chuvas anuais, se estende através de 550 km. Não apresen-

ta nenhum bom refúgio natural para navios, em função da ininterrupta extensão de bancos de areia que isolam mais de 300 km de lagunas, verdadeiros mares interiores, notadamente a partir de *Fresco*. Assim, durante muito tempo, só *Abidjan*, atual capital da Costa do Marfim, exerceu funções portuárias graças a vocação florestal da região.

Embora a Costa do Marfim se caracterize pela *policultura* com produtos consumidos pelo mercado interno, há que se destacar na economia do País as plantações de *cacau*, *café* e *banana*, notadamente ao longo das planícies fluviais, destinadas à exportação.

O País possui jazidas de betume, tantalita, titânio e cobre, no entanto a base das explorações se restringe praticamente ao *curo* ao longo dos vales do *Cavala*, *Sassandra* e *Bandama*; quanto ao *diamante* tem seu centro mais produtivo no alto *Bandama*, enquanto a extração do *manganês* se limita à região de *Grand Lahu*.

*Abidjan* é cidade moderna, caracterizada por três quarteirões originais: o *Plateau*, setor administrativo com características européias; o *Adjamé*, subúrbio africano do *Plateau*; e o *Freichville*, aglomeração africana insular ao longo da laguna.

Além de *Buaké*, *Gagnoa*, *Daloa*, *Korhogo*, e *Abenguru*, espécie de capitais meramente regionais, as demais cidades da Costa do Marfim são, na realidade, aldeias com funções urbanas específicas. Nessas condições podemos afirmar que a Costa do Marfim é, antes de tudo, *um país rural*, com sua população distribuída de maneira desigual e descontínua, só atingindo o máximo de 100 habitantes/km<sup>2</sup> na área circunscrita de *Abidjan*.

Não fugindo a regra dos demais países da África Negra, vivem na Costa do Marfim *diferentes grupos étnicos*, com dialetos e costumes diversos. Os do norte, representados, entre outros, pelos *malinkes* e *senufos*, são islamizados; os *lobis* e *kulangos* são animistas-fetichistas; já os que habitam o sul, notadamente os *krus* e os *lagunários*, embora fetichistas não fogem as influências cristãs.

## 2 — Aspectos Históricas

No século XV os *portugueses* eram ativos navegadores no golfo da Guiné, dando ao litoral onde comerciavam o nome do produto que daí levavam; sur-

giam, assim, a Costa do Ouro, a Costa da Pimenta, a Costa dos Escravos e a Costa do Marfim. Dispunham, os portugueses, nessas áreas apenas feitorias, e sem gente suficiente para colonizá-las deixaram vestígios de sua passagem nos topônimos; na Costa do Marfim, entre outros, são topônimos portugueses — S. Pedro, Sassandra e Fresco.

No século XVII, quando era ainda bem próspero o comércio do marfim e escravos nesta costa, os franceses tentaram colonizá-la através da Companhia de Saint Malo, desembarcando em Assinié alguns missionários (1637). Se esse estabelecimento inicial não vingou, o mesmo não iria acontecer com o que se fundou cinquenta anos mais tarde em *Grand Bassam*, ponto de partida da conquista francesa.

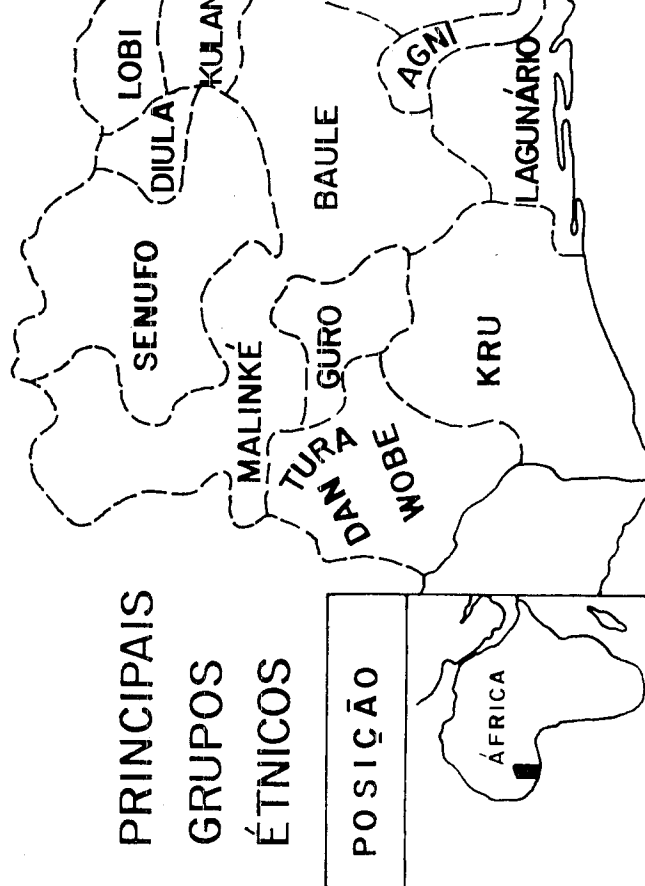
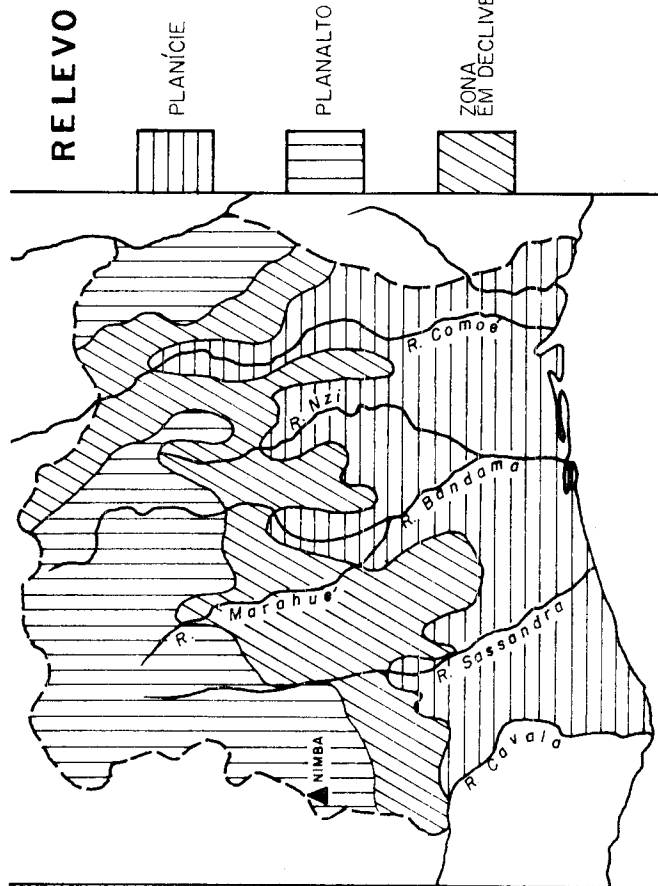
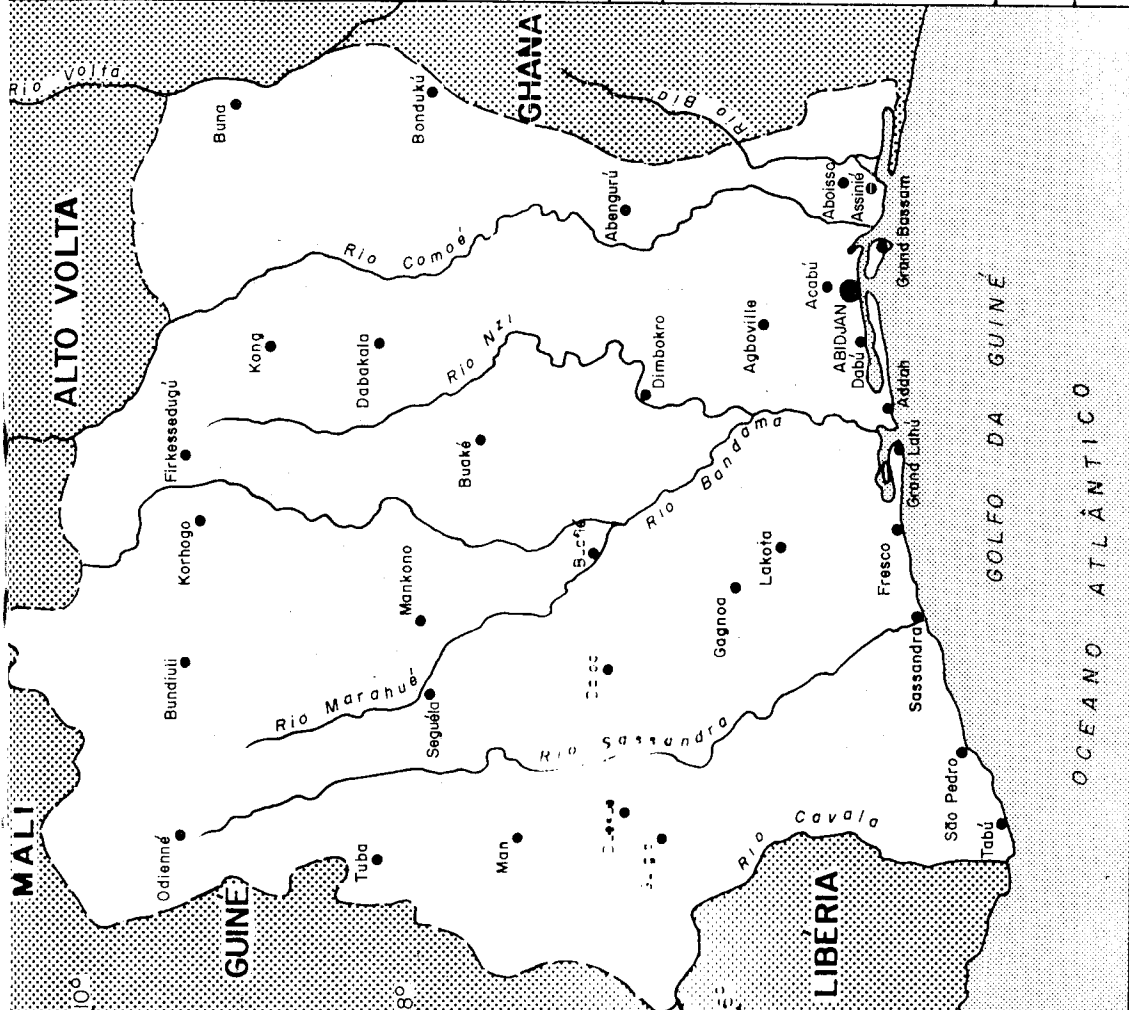
Com o crescer da influência francesa, em 1893, a área passava a se cons-

tituir na *Colônia Autônoma da Costa do Marfim*, para, a partir de 1899, passar a fazer parte do governo geral da *África Ocidental Francesa*. Transformada em *Estado da Comunidade Francesa* sob o nome de *República da Costa do Marfim* (14 de dezembro de 1958), obteve sua independência graças a ação do líder *Houphouët-Boigny* em 8 de agosto de 1960.

Com sua existência política arbitrariamente organizada, visto que suas fronteiras foram traçadas por conveniências administrativas, com as sucessivas conquistas e penetrações coloniais de potências rivais, a Costa do Marfim tem-se mostrado, no seio da comunidade africana, um dos países mais estáveis.

(abril de 1976)





**COSTA DO MARFIM**

# República do Níger

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBGE

## 1 — Aspectos Geoeconômicos

Estado interiorizado, a *República do Níger* ocupa uma área de ..... 1.187.794 km<sup>2</sup>, pouco menor que a de nosso Estado de Mato Grosso ..... (1.231.549 km<sup>2</sup>), limitando-se com o Alto Volta, Benin (ex-Dahomé), Nigéria, Tchad, Líbia, Argélia e Mali.

Destacam-se no País duas regiões geoeconômicas distintas, delimitadas por uma linha que une Tillabery, Filingué, Tahua, Tanut e N'Guigmi.

A *região setentrional*, localizada ao norte desta linha, se constitui na *zona geopolítica neutra do País*, por ser subdesenvolvida e pouco habitável. Abrangendo 48% do território do Níger, integra o *Sahel*, já que se encontra dentro do domínio geográfico do *deserto do Sahara*.

Por se constituir numa região de clima semidesértico e desértico, os centros urbanos que aí se localizam nada mais são do que oásis ao longo do caminho de caravanas, ou pontos de contactos de pastores nômades, servidos por rodovias secundárias.

Vivem no Sahara e erg do Teneré os *nômades tuaregues* de raça branca, como também grupos negros de *semi-nômades peuls*. A *criação extensiva* se constitui no traço econômico marcante regional; embora o maciço de Air possua jazidas de *estanho e tungstênio*, seu desenvolvimento econômico é lento em função do isolamento em que se encontra a região.

Na *zona meridional*, voltada para a Nigéria, se encontra o *ecúmeno estatal do País*, ou seja, a sua área mais desenvolvida economicamente e melhor povoada.

Como zona mais produtiva economicamente do País, concentra a produção de *arroz* ao longo do vale do Níger, de *algodão* e *amendoim*, sendo que este último, juntamente com o *gado*, se constituem nos principais produtos exportáveis. Os mais ativos portos de exportação do Níger são *Cotonu* na República do Benin e *Lagos* na Nigéria.

As principais rodovias se encontram nesta zona meridional do País, enlaçando-o com a Nigéria e, rumo ao norte, com o Mali e Argélia. Essas rodovias unem os principais centros urbanos do País, constituídos por: *Niamey*, a capital, localizada na margem esquerda do rio Níger, *Tahua*, *Maradi* e *Zinder*.

Habita essa área o *grupo negro haussá*, abrangendo 45% da população total do País, o mais forte tanto econômica quanto étnico-culturalmente.

Cerca de 80% da população da República do Níger professa a *religião muçulmana*, sendo os demais *animistas fetichistas* (14%), ao lado de muito pequena porcentagem de *crístãos*.

## 2 — Aspectos Históricos

O território ocupado na atualidade pela República do Níger se constitui, desde passado remoto, em *zona de passagem* tanto para povos que realizavam o seu comércio entre o norte da África e lago Tchad como para os que migravam.

Suas diferentes áreas integraram *impérios negros diversos*, entre os quais o de *Kanem-Bornu* (séculos VIII e IX) com base territorial no lago Tchad; a zona oeste da atual República do Níger integrou também o vasto *Império Songhoi* (século XVI), destruído por povos vindos do Marrocos no século XVII.

Foi justamente no século XVII que os *Estados Haussás*, surgidos por volta do século X na parte sul da atual República, iriam se firmar. Sobreviveram até a vinda dos *franceses*; estes, em 1900, conseguiram se estabelecer na região do lago Tchad, transformando, no ano seguinte, o Níger em *zona militar*. Tiveram que enfrentar aí vários levantes e só em 1922, conseguindo estabelecer a paz, transformando em *colônia* o território do Níger, integrando um conjunto denominado *África Ocidental Francesa*.



Após a Segunda Guerra Mundial, seguindo a trilha de vários outros territórios coloniais, foi o Níger tomado por sentimentos nacionais anticolonialistas. Em 1958, afastado o governo radical de Djibo Bakary, o Níger obtinha sua *autonomia*, com orientação ainda francesa, sob a liderança de Hamani Diori.

Tendo aderido à *Entente Benin-Sahel*, juntamente com o Dahomé (atual Benin), o Alto Volta e a Costa do Marfim, em agosto de 1960 a República do Níger tornava-se independente.

(abril de 1976)